

OS EMPREENDIMENTOS PÚBLICOS E PRIVADOS E SEUS IMPACTOS NA DINÂMICA DOS ESPAÇOS PERIURBANOS

um exemplo do município de Cachoeiras de Macacu, do estado do Rio de Janeiro

Daniel Teixeira dos Santosⁱ

Mestrando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a implementação de um grande empreendimento (COMPERJ) e seus impactos no território do município de Cachoeiras de Macacu, assim como relacioná-lo com a expansão da periferia metropolitana e suas consequências nos espaços periurbanos. Este processo é anterior ao princípio da construção do COMPERJ, porém é intensificando pela chegada do empreendimento. Além de envolver mais agentes à, já complexa, estrutura social do município, o qual foi escolhido como exemplo para apresentar o processo acelerado de mudanças produtivas nas periferias metropolitanas e em especial, o interior do estado do Rio de Janeiro. Usamos do conceito de periurbanização e o relacionamos ao processo de metropolização na periferia da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Periurbano, Expansão da Periferia Metropolitana, Hibridismo do Espaço, COMPERJ.

PRIVATE AND PUBLIC ENTERPRISES AND THE IMPACTS OF THE PERI-URBAN AREAS' DYNAMIC: AN EXAMPLE OF CACHOEIRAS DE MACACU CITY, RIO DE JANEIRO STATE

Abstract

This article aims to analyze the implementation of a large project (COMPERJ) and their impacts of Cachoeiras de Macacu city, relating it with the expansion of the metropolitan periphery and their consequences in peri-urban areas. In this case we can see the impacts before the beginning of construction of COMPERJ, but it was intensified by the arrived of the enterprise. Besides the project involves more agents into the already complex social structure of the city, which was chosen as an example to introduce the acceleration of productive changes in metropolitan peripheries and in particular in interior region of the Rio de Janeiro state. We use the concept of periurbanization and relate it with the process of metropolization on the suburb of the metropolitan area of Rio de Janeiro state.

Keywords: Peri-Urban, Expansion of the Metropolitan Periphery, Hybrid Space, COMPERJ.

ⁱ *Correspondência:* Rua do Russel, n. 32, apt. 704. Glória. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22210-010.

E-mail:
danielteixeiranf@yahoo.com.br

O Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ) é um dos principais empreendimentos realizados pela Petrobras, e o maior já realizado no país. Irá transformar o perfil socioeconômico de sua região de influência, além de representar uma opção para o crescimento industrial e petroquímico do Brasil.

A concepção do projeto data de 2006 e previa uma capacidade de processamento de 165 mil barris diários¹ de petróleo pesado, de origem nacional, para a produção de petroquímicos básicos (insumos para indústria de transformação). Porém de 2006 para hoje, o mercado de derivados de petróleo passou por uma transformação, registrando o aumento de uma demanda de diesel e querosene de aviação, o que levou a Petrobrás a reavaliar a programação inicial. Quando o projeto foi iniciado havia uma previsão para o investimento de cerca de US\$ 8,5 bilhões, a serem aplicados em parceria com sócios privados. Porém tanto os recursos como a capacidade de processamento estão em revisão. A primeira fase está prevista para entrar em operação em 2013. O empreendimento prevê a geração de mais de 200 mil empregos diretos e indiretos, durante cinco anos de obra e após a entrada em operação. Todos em escala nacional.

Com a nova configuração, ainda em análise pela Petrobrás, o COMPERJ vai começar produzindo 165 barris/dia em 2013, na primeira refinaria que será construída. A produção de petroquímicos básicos está prevista para o final de 2015. E a segunda refinaria, com a mesma quantidade de barris/dia, deverá iniciar suas operações em 2017. Portanto, a capacidade do complexo dobrará, chegando, em 2017, à produção de 330 mil barris/dia de petróleo pesado, a matéria prima para produção de combustíveis e de petroquímicos. É, como se pode perceber, um projeto de desenvolvimento alicerçado na economia do petróleo que não visa apenas à construção da refinaria, mas sim, a instalação de empresas de transformação deste petróleo bruto nos municípios da área de influência direta do empreendimento.

A localização do COMPERJ é privilegiada para o atendimento do mercado interno de combustível químico. Está posicionado em um centro geográfico que proporciona o atendimento dos maiores mercados industrializados nacionais: os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, além de estar próximo de im-

¹ Informações retiradas do jornal O Globo, de 25 de outubro de 2011 (NOGUEIRA, 2011).

portantes eixos de circulação e escoamento. O empreendimento também está respaldado por uma nova infraestrutura de circulação da produção em escala internacional: o Arco Metropolitano (rodovia em construção, obra do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento) ligará o COMPERJ ao porto que está sendo construído no município de Itaguaí (que se tornará um dos maiores do Brasil).

No local em que está sendo construído o COMPERJ, estarão funcionando uma Unidade de Refino de primeira geração para a produção de petroquímicos básicos com um conjunto de unidades de segunda geração - que irá transformar esses petroquímicos básicos em produtos petroquímicos. O COMPERJ é um empreendimento público, estimulado pelo Projeto de Aceleração do Desenvolvimento (PAC), já as indústrias de segunda geração são privadas e têm como principal colaborador as prefeituras municipais que estimulam sua instalação em seus territórios.

As indústrias de segunda geração, provavelmente irão se instalar nos municípios vizinhos a Itaboraí, entre eles Cachoeiras de Macacu. Essas indústrias irão transformar aqueles produtos em bens de consumo a partir de um processo de sopro, injeção e extrusão, que originarão desde copos e sacos plásticos até componentes para indústria montadora de automóveis e linha branca, como eletrodomésticos. O mercado imobiliário também é um dos setores impulsionados por este empreendimento. Construtoras, incorporadoras e imobiliárias apostam na região com construções residenciais e comerciais, como podemos ver na propaganda a seguir, o maior empreendimento de Itaboraí, o “Enterprise City Center”, como vemos na figura 1, que é composto por luxuosos apartamentos, além de centro comercial, área de lazer, shopping center e escritórios.

Os municípios da área de influência direta do COMPERJ são os seguintes: Itaboraí, São Gonçalo, Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu, Guapimirim, Niterói, Maricá, Magé, Rio Bonito, Silva Jardim e Tanguá. Estes municípios aderiram, no dia 28 de setembro de 2011, a um convenio para receber assistência técnica e capacitação para viabilizar a implementação de projetos de infraestrutura na região. O convenio é uma parceria da Petrobrás com o Ministério das Cidades, a Caixa Econômica Federal e a Fundação Getúlio Vargas. Os investimentos são princi-

palmente voltados para o setor de hotelaria, transporte e alimentação. Existe uma expectativa para obras em um recorde de tempo de no mínimo dez anos.



Figura 1: Enterprise City Center Itaboraí – Fonte: Enterprise ([2011?])

O objetivo deste artigo não é apresentar o empreendimento e seus impactos, porém relacioná-los com a expansão da periferia metropolitana e suas consequências nos espaços periurbanos. Este processo é anterior ao princípio da construção do COMPERJ, como irei mostrar mais à frente, porém é intensificando pela chegada do empreendimento. Para exemplificar este processo, tomamos como exemplo o caso da expansão metropolitana nas margens da BR-116 no município de Cachoeiras de Macacu.

Os autores usados para interlocução são os seguintes: Langenbuch (2001), Gomes (2008), Miranda (2008), Pryor (1971), Rua (2002), Santos (1996), Turnowski (1992) e Vale (2005; 2006) que respaldaram as discussões a cerca dos conceitos de espaço, periurbanização e expansão das periferias metropolitanas, também foi estudada a configuração territorial do interior do estado do Rio de Janeiro.

Para a elaboração deste trabalho foram realizados trabalhos de campo contínuos no município com entrevistas abertas, procurando o mais variável possível perfil dos entrevistados, porém todos moradores ou trabalhadores do município de Cachoeiras de Macacu.

Os espaços periurbanos no estado do Rio de Janeiro: análise do município de Cachoeiras de Macacu

A cidade do Rio de Janeiro e a sua região metropolitana ainda se constituem como segundo maior pólo industrial e econômico do Brasil, apesar das perdas para o estado de São Paulo e pela interiorização dos investimentos industriais para outros estados do Brasil. Isso irá constituir uma forte expressão no que diz respeito às relações sócio-espaciais entre o interior do estado e a capital. Há forte contraste entre a região metropolitana e outras unidades espaciais no que se relaciona à qualidade de vida, atividades econômicas e distribuição de renda. Como nos mostra Rua (2002, p. 47):

O estado do Rio de Janeiro desponta como aquele que possui maior índice de população urbana do Brasil. São mais de 95% de habitantes considerados como urbanos. Assim, de um total de 13 406 379 habitantes, no Estado, 12 806 488 eram urbanos por residência em 1996.

E ainda complementa Rua (2002, p. 47):

É preciso destacar o peso da área metropolitana que responde por 10 449 650 habitantes, 99,22% dos quais urbanos. A importância da AMRJ em relação ao interior fluminense é marcante, não somente em termos demográficos (extremamente significativos) mas nas dimensões política, cultural, comportamental, econômica onde o significado desta região urbana torna-se esmagador.

Como podemos perceber, as diferenças entre a região metropolitana e o interior do estado do Rio de Janeiro são grandes. A região metropolitana concentra a maior parte da população do estado e a maior parte da população do estado está teoricamente concentrada em áreas urbanas. Essa diferença é perceptível quando se observa a paisagem. Vemos uma transição abrupta entre a paisagem urbana e a metropolitana da capital em relação às de aspecto rural de suas periferias. Porém a metrópole vem se expandindo territorialmente para áreas que possuem uma paisagem predominantemente rural. No entanto, possuir uma paisagem rural não significa que este espaço também o seja. Há áreas de reserva de valor que estão à espera

para especulação urbana. Os modelos de comportamento também já ultrapassaram as fronteiras metropolitanas, atingindo praticamente todo o interior do estado. Sendo assim, a urbanização aqui não é entendida como ocupação territorial efetiva, mas sim como uma urbanização geral da sociedade, que influencia em aspectos ideológicos, culturais e sociais, e são materializados no espaço a partir das “urbanidades”. Isso é observável principalmente no eixo de urbanização correspondente à BR-101 no trecho entre Itaboraí e Cachoeiras de Macacu em RJ-116 que liga Friburgo a Região Metropolitana. Podemos ressaltar este processo no seguinte trecho retirado de Rua (2002, p. 48-49):

A partir da AMRJ, desenvolveu-se um segundo eixo que, pela rodovia Niterói-Manilha, alcança Cachoeiras de Macacu e, ao longo da BR-101, direciona-se para Silva Jardim (Rio Bonito e Silva Jardim já apresentam índices de mais de 62% de população urbana). Se, de um lado percebe-se a expansão de loteamentos urbanos e periurbanos, do outro lado desenvolvem-se diversas atividades rurais (não-agrícolas), além de grandes indústrias, como a Schincariol de cerveja, que dão novas qualidades a estas áreas.

Vemos que esse processo já era observável há dez anos, quando o referido autor escreveu o artigo. Porém, hoje esse processo é intensificado, tanto por novas empresas que se instalam no eixo, assim como pelo COMPERJ. O processo de urbanização ao longo do eixo da RJ-116 tem em suas características principais a expansão de “urbanidades” em espaços periurbanos. Partindo do pressuposto que os espaços periurbanos são aqueles que se caracterizam por apresentarem zonas de transição entre cidade e campo, onde se mesclam atividades rurais e urbanas na disputa pelo uso de solo, podemos classificá-los como espaços plurifuncionais, sujeitos a rápidas transformações econômicas e sociais, assim como pressão especulativa e demográfica, além de possuírem um dinamismo singular marcado pela sua proximidade de um grande núcleo urbano - no caso do município estudado, um grande núcleo metropolitano, o qual representa a segunda maior região econômica e industrial do país.

Os espaços periurbanos, neste sentido, se tornam áreas de expansão metropolitana. As periferias metropolitanas se ampliam territorialmente (ao longo dos eixos de urbanização) por meio de especulação imobiliária, ocupação, instalação de indústrias, e até casas de veraneio, pousadas e haras, o que é observável e relevante no caso do município estudado. Ao longo da RJ-112, rodovia que liga Guapimirim

ao município de Cachoeiras de Macacu existem dois haras, um deles espantosamente luxuoso, em que a população da grande metrópole do Rio de Janeiro pode encontrar lazer e a sensação de estar próximo de uma paisagem rural reproduzindo a calma e tranquilidade da vida do campo. Podemos observar os eixos de urbanização do estado do Rio de Janeiro, inclusive o que compreende a RJ-116 chegando ao município de Cachoeiras de Macacu, no seguinte mapa (figura 2) retirado de Rua (2002, p. 48):

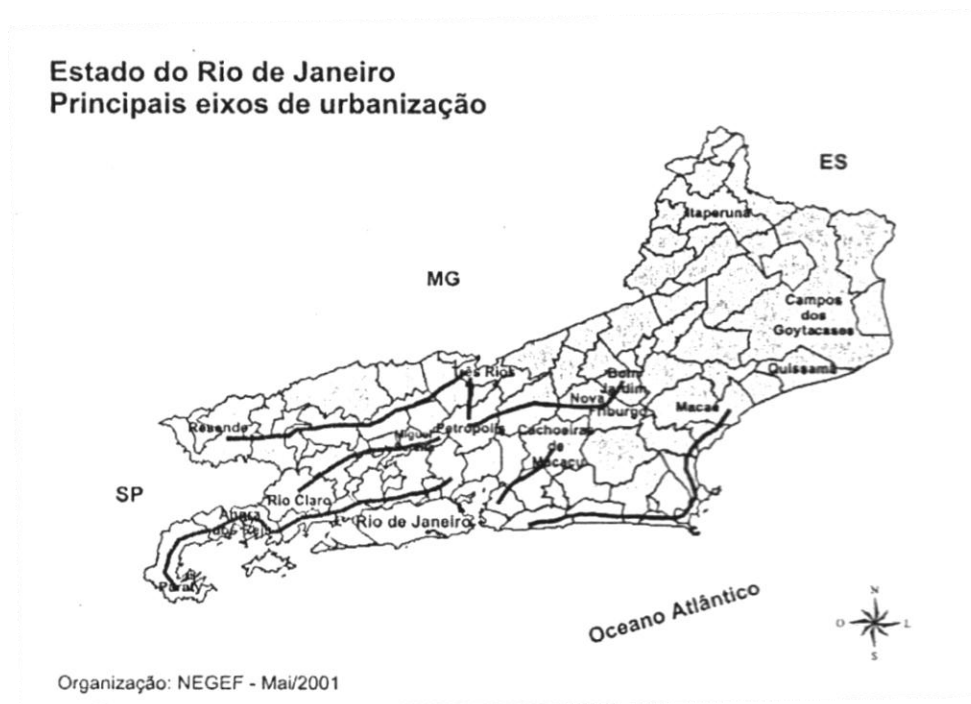


Figura 2: Estado do Rio de Janeiro, principais eixos de urbanização

O que marca a especificidade deste espaço (eixo de urbanização da RJ-116) é principalmente a grande concentração populacional e de renda que temos na metrópole do Rio de Janeiro comparando a outras regiões do estado. O que faz parecer que temos uma metrópole cosmopolita e economicamente dinâmica e um interior atrasado, pobre e pouco articulado. Realmente pode ser essa sensação que temos quando se observa a transição entre a região metropolitana do Rio de Janeiro e o seu interior, o que pode nos fazer pensar que os espaços periurbanos são simplesmente espaços rurais, por predominantemente ainda manterem uma paisagística rural. Porém como nos mostra Miranda (2008, p. 28), os espaços periurbanos são:

Espaços plurifuncionais, em que coexistem características e usos do solo tanto urbanos como rurais – presença dispersa e fragmentada de usos e

ausência de estrutura urbana coerente que proporcione unidade espacial, submetidos a profundas transformações econômicas, sociais e físicas, com uma dinâmica estreitamente vinculada à presença próxima de um núcleo urbano.

Pryor (1971, p.59) também define os espaços periurbanos como:

Zona de transição do uso da terra situada entre (a) a continuidade das áreas urbanas e suburbanas da cidade central, e (b) o interior rural, caracterizada pela ausência quase total de alcance e penetração de serviços de utilidade pública urbana, descoordenado zoneamento ou planejamento regulamentares; uma real extensão dos limites políticos da cidade central; e um aumento real e potencial da densidade populacional em relação ao torno de zonas rurais, mas inferior ao centro da cidade. Estas características podem mudar com o tempo.

O que muitas vezes pode nos confundir em relação aos espaços periurbanos é a paisagem. Apesar de predominantemente nos apresentar um aspecto rural, como pastagens bucólicas para poucas cabeças de gado, por trás disso, se observa uma lógica cada vez mais forte e predominantemente urbana. As grandes pastagens pouco produtivas muitas vezes são consideradas reservas de valor pelos empreendedores urbanos. São assim terras de especulação, sem algum nenhum uso social, apenas especulativo. Como vemos em Vale (2006, p. 5):

o espaço periurbano também pode ser concebido (sobre tudo pelos administradores e especuladores) como espaço vazio, reserva especulativa do solo à espera de ocupação por atividades urbanas. Assim, surgem extensas superfícies improdutivas que, muitas vezes, são tão importantes quanto à superfície urbanizada. Essa transformação dos usos de solo acaba na elevação dos preços dos bens ali produzidos, bem como o preço do solo, em que a terra rural passará a ser negociada em metros quadrados e não mais em hectares.

Para a afirmação acima, existem comprovações empíricas em relação à elevação dos preços de solo, em que a terra rural passaria a ser negociada em metros quadrados e não em mais hectares. Em entrevista aberta, realizada em trabalhos de campo, Sr. Carlos (nome fictício), proprietário de uma fazenda a venda bem próxima à área urbanizada do distrito de Papucaia, (segundo distrito de Cachoeiras de Macacu) afirmou que pela falta de interesse dos herdeiros, estava loteando o terreno e vendendo os lotes, em metros quadrados, para a especulação urbana e a construção de condomínios de classe média baixa, processo este que é recorrente, principalmente, neste distrito. A figura 3 a seguir mostra um condomínio de classe média baixa no distrito de Papucaia às margens da RJ-1.

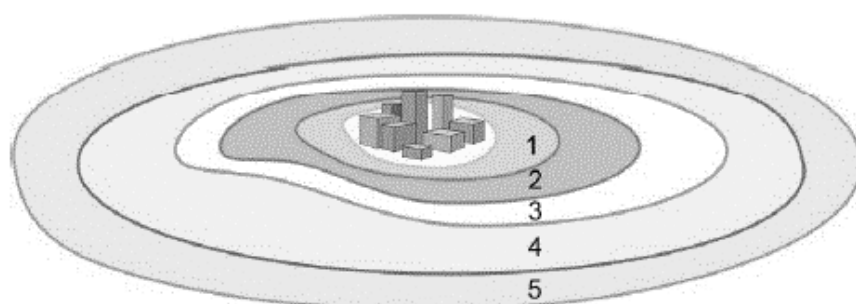


Figura 3: Condomínio de classe média baixa em Papucaia, distrito de Cachoeiras de Macacu
– Autoria própria (2011)

Marca recorrente dos espaços periurbanos são as famílias plurifuncionais. Em outras entrevistas foi constatado que, enquanto alguns membros da família trabalhavam na terra em tempo integral, outros realizavam trabalhos urbanos. Ao mesmo tempo, como é observável na entrevista com Enaro (nome fictício), um único indivíduo pode trabalhar em áreas rurais e urbanas. O entrevistado era funcionário de uma fazenda, porém também realizava “bicos” na oficina de seu cunhado no centro de Cachoeiras de Macacu.

Os espaços periurbanos e suas características

Em trabalhos anteriores foram estabelecidos padrões para os espaços periurbanos de uma forma quantitativa. Em seu artigo Vale (2006, p.8) nos mostra que a Comissão Europeia estabeleceu cinco tipologias para os espaços rurais. Ela considera os espaços 1, 2 e 3 como espaços periurbanizados, enquanto os espaços 4 e 5 são considerados espaços rurais propriamente ditos. Podemos observar essa tipologia a partir da seguinte figura 4:



Núcleo urbano

Org. por Ana Rute do Vale

Des. Alessandra Alberto

1

Espaços rurais situados junto às zonas urbanizáveis (empreendimentos residenciais, atividades industriais e de lazer, agricultura intensiva)

2

Espaços rurais de alto atrativo turístico (áreas costeiras ou montanhas com presença de infraestruturas de lazer e alojamentos)

3

Espaços rurais com atividades diversificadas (agricultura e turismo rural, pequena indústria e artesanato)

4

Espaços rurais com atividades predominantemente agrícolas (capacidade de produção associada ao setor de transformação e comercialização agrícola ou agricultura tradicional)

5

Espaços rurais de difícil acesso (áreas montanhosas com bosque e atividades agrícolas, sujeitas ao despovoamento rural e agrícola)

Figura 3: Tipologia dos espaços rurais – Fonte: Vale (2006. p. 8).

Pelos estudos realizados até então, é perceptível que o município de Cachoeiras de Macacu é caracterizado por abranger tanto a categoria 1 quanto a categoria 2. Porém, uma categoria não se transforma em outra à medida que nos distanciamos do centro urbano. Elas estão intervaladas no espaço se relacionando e se sobrepondo em alguns momentos. Em relação à categoria 1 o município se caracteriza por apresentar espaços rurais junto às zonas urbanizáveis em que encontramos empreendimentos residenciais, atividades industriais e de lazer e algumas agrícolas. Estas características estão mais presentes no distrito de Papucaia, assim como próximo a sede municipal, compreendendo o eixo da RJ-116. É ali onde está situada a Schincariol (fábrica de cervejas e refrigerantes), assim como várias outras pequenas indústrias de transformação. Já no eixo que compreende a RJ-112 foi observado uma predominância da categoria 2, por ainda apresentar paisagem bucólica, muitos sítios de veraneio, dois grandes haras, montanhas e a Serra do Mar, porém já é observável a instalação de algumas indústrias, principalmente próximo a chegada da sede municipal.

Foi detectado dois processos concomitantes: a migração de empresas para a região do eixo da RJ-116, e um incipiente processo parecido no eixo da RJ-112, que muito provavelmente será intensificado com a construção do COMPERJ. Também é observável o fenômeno da segunda residência e principalmente do turismo rural, fenômenos que estão relacionados; este característico do eixo da RJ-112 (pelos atrativos naturais, ligados a serra, cachoeiras e a vida camponesa), porém também presente no eixo da RJ-116, principalmente na subida da Serra do Mar, próximo ao município de Nova Friburgo. Gomes (2008, p.9), mostra-nos que o fenômeno de residência secundária possui maior presença na área perimetropolitana. Isso nos levaria a acreditar que o fenômeno possui características não metropolitanas, porém, principalmente, tende a ocorrer em áreas próximas aos centros regionais (aqui, no caso, a metrópole do Rio de Janeiro). O autor ainda conclui que a elevada presença do fenômeno de segunda residência na área perimetropolitana pode estar associada a um estágio intermediário de urbanização não metropolitana, pensando em um processo contínuo de ocupação de áreas de baixa densidade demográfica. É a periferia metropolitana se expandindo territorialmente em direção aos espaços periurbanos, formando assim, como nos mostra Rua (2002, p.44), territorialidades híbridas, com aspectos rurais, que lhes dão especificidades, e com “urbanidades” que relacionam essas territorialidades ao movimento social. Isso nos faz acreditar que o fenômeno de segunda residência pode estar associado a um desejo de refúgio dos incômodos proporcionados pelos problemas socioambientais que são característicos de áreas urbanas metropolitanas.

Gomes (2008, p. 11) conclui que o fenômeno de segunda residência é uma expressão do tecido urbano em expansão, é um estágio intermediário entre a expressão urbana de áreas metropolitanas e áreas não metropolitanas. Os atrativos naturais encontrados na serra, e em localidades com aspecto campestre, tornam-se recursos e são apropriados pela lógica da urbanização capitalista e configuram-se como sua expressão em regiões periurbanas ou não metropolitanas. Porém, este processo é a manifestação de práticas de grupos sociais de alta renda, que buscam a separação entre o espaço do trabalho e o espaço de consumo.

Podemos afirmar que o fenômeno da segunda residência, assim como o processo de metropolização em áreas periurbanas faz com que as periferias metropoli-

tanais aumentem territorialmente, por serem apropriadas pela lógica capitalista urbana. Sendo assim, podemos fazer uma associação entre os espaços periurbanos e as periferias urbanas? Tendo em vista que hoje, no século XXI, já não podemos falar de uma periferia homogênea, pois existem diferentes periferias, principalmente em grandes regiões metropolitanas, como o Rio de Janeiro e, partindo da prerrogativa que esses espaços agregam conflitos e contradições, pressões de movimentos sociais e são determinados por mudanças políticas, esta associação pode ser complexa. Para Langenbuch (2001, p.89) as periferias eram qualificadas como regiões ocupadas por pessoas de baixa renda salarial às margens das grandes cidades. Como podemos observar na seguinte citação:

porções de qualquer aglomeração urbana, localizadas via de regra na porção próxima aos limites externos da área edificada, onde se predomina a ocupação residencial pelas camadas mais pobres da população, estabelecida ali de modo bastante precário. (LANGENBUCH, 2001, p. 89)

Observando o município estudado e sabendo que, formalmente, não faz parte da considerada região metropolitana do Rio de Janeiro, poderíamos considerá-lo periferia desta mesma região? Levando em consideração todos os conflitos que existem neste espaço, podemos caracterizar as periferias como espaços que estão em constante transformação. É notório que em Cachoeiras de Macacu vem crescendo a quantidade de condomínios de classes média e baixa, principalmente no distrito de Papucaia, o qual está mais próximo da região metropolitana do Rio de Janeiro, se compararmos com a sede distrital. É crescente o processo de expansão metropolitana ligada à lógica imobiliária, por haver o aumento do número de loteamentos irregulares ou clandestinos (não regulamentados pela norma municipal). O processo de crescimento contraditório é característico de todos os países. Aqui ele se manifesta a partir da lógica de especulação imobiliária, o que faz com que nossas cidades sejam repletas de dicotomias e conflitos, que são, portanto, interessantes ao processo de reprodução social e manutenção do capitalismo em sua fase neoliberal.

Desta forma, podemos dizer que nos espaços periurbanos existem periferias, porém esta não é a única característica desses espaços. Como já afirmado anteriormente, a mistura de usos de solo faz com que esses lugares tenham especificidades que devem ser valorizadas pelas políticas públicas e pelos agentes de ordena-

mento do espaço. Estas especificidades são bem demonstradas no seguinte texto de Turnowski (1992, p. 81):

Considera-se que o urbano do espaço tenha início quando surge o processo de loteamento da periferia das grandes cidades. Na verdade, entre estes lotes da extremidade da metrópole e a ampla prevalência no uso rural das terras, aparecem formas mistas de uso do solo, como clubes de recreação, habitações de segunda residência, sítios de veraneio, além de formas peculiares de uso agropecuários marcados, por exemplo, por seu grau de intensidade. Essa faixa exige um tratamento analítico específico.

Em seu artigo “A organização do espaço no estado do Rio de Janeiro: as áreas periurbanas”, Turnowski (1992, p. 91) diz que devemos considerar como diferentes e singulares todos os espaços situados entre a periferia da metrópole e a zona rural propriamente dita. O autor (p. 92) ainda nos apresenta os conceitos de Bozzano (1990) que considera que as características da metrópole não determinam aonde chegam o último subúrbio.

Neste sentido, a área periurbana mesmo não estando completamente urbanizada (divididas em lotes urbanos) está organizada pelos interesses da vida urbana. Turnowski (1992, p. 92) nos mostra que as áreas periurbanas consistem em um trecho ideal para o desenvolvimento de algumas atividades urbanas que requerem grandes espaços, ou ampla disponibilidade de recursos naturais. Ele classifica quatro atividades, sendo elas (1) atividades de mineração e beneficiamento de minerais que fornecem materiais de construção para as cidades, como as cerâmicas, areais, pedreiras etc. Na região estudada há uma quantidade significativa de pequenos produtores de cerâmica, além de três fábricas de concreto²; (2) blocos de atividades industriais, como distritos industriais (as margens das estradas), ou serviços que exijam grandes espaços, como equipamentos de água e esgoto e aeroportos. Em Cachoeiras de Macacu será construída uma hidrelétrica nas proximidades do COMPERJ para fornecer energia às refinarias, além da Schincariol, e as muitas pequenas indústrias que encontramos no eixo da RJ-116; (3) os blocos de áreas institucionais, como centros de pesquisa, ou áreas militares. No município existe um polo da faculdade de veterinária da UFF (Universidade Federal Fluminense); e (4) clubes de recreação e áreas de lazer, fora da cidade, envolvendo segunda residência, hotéis

² Na região de Cachoeiras de Macacu podemos encontrar três fábricas de concreto. São elas: Supermix, Polimix e Topmix.

fazenda, sedes campestres de associação e, como novas atividades rurais, aquelas que envolvem: (a) o uso intensivo do solo, como a horticultura, estufas, avicultura, piscicultura, apicultura etc.; e (b) a figura do *hobby-farmer* como *marketing* para o turismo rural, no município aonde existem dois haras no eixo correspondente à RJ-122. Todos estes exemplos podem ser observados nas fotos em anexo.

Considerações finais

Como podemos confirmar, é complexa a definição do conceito de “espaços periurbanos” e ainda não há um consenso entre os cientistas que os estuda. Porém, esse é o termo que parece exercer mais influência no campo acadêmico em geral. No entanto, existem outros termos com os quais podemos estabelecer comparação. Vale (2005, p. 1) faz uma boa comparação entre estes termos: franja urbana e espaços periurbanos. Apresenta-nos o conceito de franja urbana, que são aqueles espaços onde há crescimento periférico e que se misturam usos dos solos urbanos e agrícolas; seria uma zona de transição entre o campo e a cidade. Ele ainda nos mostra que o crescimento periférico das cidades também foi definido por muitos autores como rururbanização ou rururbanização. Esses processos são representados pela associação entre os espaços urbanos e rurais, onde há o predomínio da população urbana que vive em um espaço rural com tendência à valorização por conta do crescimento urbano. Vale (2005, p. 2) diz que o fenômeno da rururbanização seria uma nova concepção de formas de reprodução da força de trabalho e de localização das atividades de produção e distribuição. Seria, neste sentido, uma nova forma de habitação dos cidadãos, e estaria associada à migração pendular, fenômeno encontrado no município. Nele, podemos encontrar dois movimentos principais em busca de trabalho.

No distrito de Papucaia (mais próximo à região metropolitana, cidades como Itaboraí, São Gonçalo e Niterói), vemos um movimento de trabalhadores ligados ao serviço e estudo (atendentes de loja, empregadas domésticas e indivíduos que procuram estudo universitário). No distrito sede, e em suas proximidades há uma migração em direção ao município de Nova Friburgo, com uma característica peculiar: os indivíduos vão ao município principalmente em busca de ensino uni-

versitário, devido à cidade ter se tornado um polo de ensino superior na região. Este movimento pode ser cotidiano, mas também pode ser temporário. Os habitantes de Cachoeiras de Macacu também procuram os municípios próximos para buscar serviços, como saúde e educação pública.

Vale (2005, p. 3-4) ainda nos mostra que existem cinco fatores para a ocupação populacional dos espaços periurbanos ocorridos durante os últimos quarenta anos, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos. Estes fatores, segundo a autora, são os seguintes: (1) a saturação dos espaços urbanos; (2) a degradação ambiental das cidades; (3) a realocação do aparato produtivo; (4) a generalização do transporte individual e (5) as novas preferências residenciais dos habitantes da cidade. No caso do Brasil, a autora ainda inclui a construção de condomínios populares feitos pelo Estado nas décadas de 70 a 80, e os condomínios fechados destinados às classes altas e médias na década de 90. Na seguinte citação observamos como este processo vem se dando nos espaços periurbanos. Vale (2006, p.4):

As modificações nas formas de aproveitamento do solo acabam promovendo uma competição pela sua ocupação entre indústrias, comércio, residência, infra-estrutura de vários tipos, que vai ao mesmo tempo reduzindo o espaço agrícola e ocupando as melhores terras que, por sua vez, são valorizadas.

Podemos entender a expansão urbana da metrópole do Rio de Janeiro a partir da ótima citação de Santos (1996, p. 51). O autor nos mostra a partir da história que a configuração territorial é dada pelas obras dos homens, e pela lógica que é predominante naquele tempo. Sendo assim, cria-se uma configuração territorial cada vez mais resultante da produção histórica, e tende a uma negação dos processos naturais, substituindo-se por uma realidade cada vez mais humanizada. Este processo está imbuído pela lógica do capitalismo, ou seja, cada tempo tem a sua configuração territorial. O espaço assim poderia ser um acúmulo de tempos. Neste sentido, os espaços periurbanos podem ser refuncionalizados a partir do tempo histórico e da lógica a que este tempo está submetida. Santos (1996, p. 51) ainda nos mostra que o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único. Assim, o espaço, hoje, se torna um sistema de objetos cada vez mais artificiais, imbuídos de um sistema de ações igualmente artificializados. O crescimento da metrópole para áreas periurbanas hoje não se trata do crescimento de um sistema de ob-

jetos sobre a natureza natural, pois estes espaços já eram apropriados pelo capital, e consequentemente, já transformados pelo homem. Mas este crescimento adquire novas características correspondentes ao capitalismo contemporâneo. Sendo assim, é um novo sistema de objetos, que chega com características mais modernas, convivendo simultaneamente com outros objetos ainda “antigos” (que podem vir a ser reapropriados pelo capitalismo), o que dá a especificidade dos espaços periurbanos: a intensa mistura de usos de solo.

Porém, como definir um espaço como periurbano hoje em uma sociedade na qual mais de 85% de sua população é urbana? Este conceito é importante para entendermos as periferias metropolitanas no passado e como elas se configuravam, porém hoje a sociedade se complexificou. Pode ser arbitrário classificar as periferias metropolitanas como espaços periurbanos, pois o processo de metropolização atua com tanta intensidade nestes espaços “exportando” símbolos e signos metropolitanos, que não podemos separá-los e defini-los com tanta clareza. O espaço do Rio de Janeiro, nos dias atuais, é praticamente, se não completamente, todo urbanizado. Não em sua configuração territorial, porém ideologicamente. Como dito, o que acontece nos espaços periféricos é a grande mistura de usos de solo. Porém, analisando uma escala ideológica, mais subjetiva, estes espaços são urbanizados.

A partir da pesquisa realizada para elaboração deste artigo foi considerado que as periferias metropolitanas possuem suas especificidades que ainda devem ser estudadas principalmente pela política pública. Isso permitirá a regulamentação dos usos de solo, limitando a elevação dos preços, e estabelecendo os usos futuros de uma forma mais consciente.

Sendo assim, é perceptível que com o avanço da lógica de mercado, incorporando novas territorialidades, a metrópole do Rio de Janeiro e seu interior se apresentam com menos rupturas, a separação entre campo e cidade está ficando cada vez menos evidente, surgindo assim novas concepções como, as seguintes: periurbano, rururbanização, expansão das periferias metropolitanas, entre outros. Este fenômeno nos mostra a complexificação da compreensão desses territórios na atualidade, e por isso, se faz necessário o estudo destes espaços (que vivenciamos) afim de melhor compreendê-los.

Referências

- ENTERPRISE Itaboraí City Center. [2011?]. Disponível em: <<http://enterpriseitaboraai.com>>. Acesso em: 22 abr. 2013.
- GOMES, Pedro Henrique O. Urbanização perimetropolitana e a organização espacial das residências secundárias no estado do Rio de Janeiro. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 16., 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2008. p. 1-12.
- LANGENBUCH, Jürgen R. Depoimento. **Espaço e debate**, São Paulo, n. 42, p. 85-91, 2001.
- MIRANDA, Livia I. B. **Produção do espaço e planejamento em áreas de transição rural-urbana**: o caso da Região Metropolitana do Recife-PE. 2008. Tese (doutoramento em Desenvolvimento Urbano)–Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- NOGUEIRA, Marta. Petrobras prevê fechar 2011 com refino diário de 1,85 milhão de barris. **O Globo**, Rio de Janeiro, out. 2011. Seção Valor Online. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/petrobras-preve-fechar-2011-com-refino-diario-de-185-milhao-de-barris-2896624>>. Acesso em: 11 fev. 2012.
- PRYOR, Robin J. The sociological significance of the rural-urban fringe. *In: BOURNE, Larry S. (Ed). Internal structure of the city: readings on space and environment*. Oxford: Oxford University, 1971. p. 59-68.
- RUA, João. Urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro. *In: MARAFON, Glaucio José; RIBEIRO, Marta F. (Orgs.) Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Intobook, 2002. p. 43-70.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- TURNOWSKI, Salomón. A organização do espaço no estado do Rio de Janeiro: as áreas periurbanas. *Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 82-95, jan.-mar. 1992.
- VALE, Ana Rute do. **Definindo o conceito e descobrindo a plurifuncionalidade do espaço periurbano**. 2005. Tese (Doutoramento em Geografia)–Universidade Estadual Paulista. Jaboticabal, 2005.
- VALE, Ana Rute do. O Rural e o Urbano se Diluindo no Espaço Periurbano. *In: SIMPÓSIO O RURAL E O URBANO NO BRASIL*, 1., São Paulo. **Anais...** São Paulo: FFLCH/USP, 2006. p. 1-15.

Recebido em maio de 2013;

aceito em maio de 2013.